

CARTOGRAFANDO (DESIN)FORMAÇÕES DOCENTES

CARTOGRAFIANDO (DESIN)FORMACIONES DOCENTES

Will Paranhos (William Roslindo Paranhos)¹

Resumo: o presente texto busca fugir às normas acadêmicas que extinguem as possibilidades nascidas da prática do sentir. Me permitindo à desterritorialização, retorno à escritas antigas, de minha autoria, acerca de ciclos nomeados por “(desin)formação docente”, não pretendendo validar cientificamente os métodos utilizados, os dados colhidos ou os resultados obtidos, porém demonstrar meu sentir, externalizar minhas reflexões e possibilitar que pessoas leitoras compreendam a potência existente no exercício da construção, motivada pelas percepções e sentidos, e não só nos produtos acabados. Espera-se que o presente texto não seja mais uma fórmula a ser utilizada na organização de atividades (desin)formativas, mas que, entretanto, fomente a vazão das interioridades em tais processos, em defesa de uma educação pela/por/para as experiências.

Palavras-chave: rota; cartografia; gêneros; sexualidades; formação docente.

Resumen: este texto busca escapar de las normas académicas que extinguen las posibilidades nacidas de la práctica del sentir. Permiéndome desterritorializar, retomando escritos antiguos, de mi propia autoría, sobre ciclos denominados de “(desin)formación docente”, sin pretender validar científicamente los métodos utilizados, los datos recogidos o los resultados obtenidos, sino demostrar mi sentir, externalizar mis reflexiones y possibilitar que los lectores comprendan el poder existente en el ejercicio de la construcción, motivado por las percepciones y los sentidos, y no sólo en los productos terminados. Se espera que el presente texto ya no sea una fórmula para ser utilizada en la organización de actividades (des)formativas, sino que, sin embargo, propicie el fluir de interioridades en tales procesos, en defensa de una educación por/por/para experiencias.

Palabras clave: ruta; cartografía; géneros; sexualidades; formación de profesores.

1 ZARPANDO

No instante em que defendemos uma pedagogia *queer*, um ensino subalterno, uma prática pós-crítica e pós-estruturalista, devemos ter em mente que o exercício de romper com os limiões ortodoxos em torno dos processos de educação, seja ela formal, não formal ou informal, são muito mais amplos e complexos do que possamos imaginar. Acredito que, para que tenhamos a possibilidade de êxito, faz-se necessário assumirmos uma postura interseccional, seja ela epistemológica ou metodológica (COLLINS, 2022), traçando uma linha de fuga que possa vir a transformar-se em devir educação.

O passeio dado nas poucas linhas que abrem o presente texto é justamente para afirmar meu compromisso com todas essas e muitas outras agendas que rompem com a normalização do saber, motivo pelo qual decido, bastante entusiasmado, me “atrever” à construção desta produção. Não sou eu que “inauguro” a sessão de *Rotas* neste periódico.

¹ Pessoa não-binária, PcD, militante e pai da Maya. Doutoranda em Educação na UERJ e especialista em estudos de gênero e diversidade na escola pela UFSC. Pesquisadora do Laboratório Afrodite (UFSC/CNPq) e técnica em educação no Grupo EDUSEX (UDESC/CNPq).

Todavia, creio que uma rota, enquanto definição de uma orientação geográfica, seja bastante singular, ao compreendê-la enquanto uma arquitetura que, apesar de parecer fixa e rígida, depende de toda uma outra organização geográfica que somos nós. Rotas são diferentes para cada pessoa.

Assim, ancorando-me, também, em Fonseca e Gorsdorf (2021), defendo que “a proposta por [mim] apresentada aqui é mais de um caminhar à deriva pelas possibilidades de se marcar um campo de conhecimento” (FONSECA; GORSDF, 2021, p. 198), não tendo a pretensão de atuar de maneira canônica ditando regras inflexíveis, mas desterritorializando pensamentos e fazendo surgir possibilidades outras de atuação no exercício da prática docente.

Pude escrever, em outras ocasiões, a respeito do “método” - entre aspas para que fiquem explícitas minhas considerações críticas ao senso comum em torno construído em torno do que venha a ser um método - por mim pensado para se trabalhar com aquilo que nomeei de (desin)formações para docentes (PARANHOS, 2020). Contudo, não me foi possível cartografá-las, justamente por ter que obedecer a um rigor científico que sufoca experiências múltiplas que inauguraram um infinito de possibilidades.

Um adendo, aqui, se faz necessário. Possivelmente, espero que algumas pessoas, cânones da academia ou defensoras de seus preceitos rigorosos, afirmem veementemente que este texto não se trata de uma cartografia. Lanço mão de todos esses padrões e me prendo ao fato de que a cartografia me permite perceber as “linhas constitutivas das coisas e dos acontecimentos ao explorar territórios existenciais e assim, acompanhar processos de produção de subjetividade” (CINTRA *et al*, 2017, p. 45).

Me reservo à alegria de escrever livremente, externalizando todas as pulsões e sentidos que me afetam, na esperança de poder também afetar a todes que, neste momento, se permitem ao encontro com meus devaneios filosóficos desarticuladores, e, de tal modo, me ausento da obrigação de seguir uma estrutura que me faça escapar aquilo que sinto.

2 NAVEGANDO EM MEIO À TEMPESTADE

Tudo começou no ano de 2015, momento em que ingressei na Especialização em Estudos de Gênero e Diversidade na Escola, promovida pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O GDE era um curso que, apesar de ser voltado ao campo da educação, possuía - e promovia - uma estrutura interdisciplinar, seja ela docente ou discente. Eu mesma, à época, ainda não integrava a parcela de pessoas trabalhadoras da educação, mas pude acessar o curso em virtude de minha participação na militância social.

Com um novo campo se abrindo, e logo buscando minha [segunda] graduação em pedagogia, não tardou para que eu recebesse convites para proferir falas ou promover

debates em torno do tema. Ávide por conhecimento, busquei ir além da formação, realizando cursos, participando de jornadas educativas, formações, enfim, tudo aquilo que pudesse me orientar naquela área que se tornava cada vez mais apaixonante.

Apaixonante... O termo me faz - e acredito que faça muitas outras pessoas - lembrar de uma outra palavra: amor. Assim, recordo-me de Paulo Freire (1996) e indago: “[c]omo ser [uma pessoa] educador[a], se não desenvolvo em mim a indispensável amorosidade aos educandos com quem me comprometo e ao próprio processo formador de que sou parte?” (FREIRE, 1996, p. 35). Não há educação sem amor, independente do nível ou formato em que ela se estruture. Porém, esse não é um amor que deve ser lido de maneira romântica que se institucionaliza nas vidas e nas relações. O amor do qual falo, do qual Freire falava, é o “amor afetação”. A palavra amor deriva do latim *amor* que se relaciona com o ato de possuir afeição - afeto (AMOR, 2022, s. p.).

Afetos são potências, para Spinoza, ou pulsões, dentro da linguagem psicanalítica, que nos movem e direcionam à mudança, independente de assumirem uma perspectiva que possa vir a ser considerada como positiva ou negativa. Tais transformações, causadas pela afetação, é que podem ser definidas como experiências (LARROSA, 2021) - outro termo que tem sido bastante “esvaziado” em nossas relações contemporâneas. Para “encurtar” e simplificar: experiência é tudo aquilo que me afeta e me transforma por meio do sentir. Se no momento em que eu como uma fatia de bolo de chocolate sou afetada, aquele ato me prende, me faz percebê-lo, vivenciá-lo, ou seja, senti-lo e, após seu término, eu me sinto melhor - ou não -, me percebo transformada, aquilo pode ser definido enquanto uma experiência.

Analogia bastante simples, mas que de certa maneira nos aproxima um pouco mais do que sejam, de fato, as experiências. Muitos de nós podemos comer o bolo e não sentir absolutamente nada, simplesmente deglutimos e suprimos as necessidades biológicas de nosso corpo. Com base em tal metáfora, podemos nos indagar: será que minhas aulas são deliciosos bolos de chocolate que promovem experiências ou apenas momentos em que as pessoas - independente de serem crianças ou adultas em busca de educação formal, informal ou não formal - estão “enchendo” suas mentes?

Fugi para falar um pouco sobre paixão, amor e experiências, porém agora retorno para as possibilidades que se apresentavam em minha vida.

No ano de 2016 sou convidada a facilitar minha primeira formação docente, com tema relacionado a gêneros e sexualidades no ambiente escolar, a qual compunha um ciclo de formações continuadas para docentes de uma pequena cidade do litoral de Santa Catarina. Apesar da insegurança - totalmente subjetiva e pessoal - aceitei. Seriam cerca de trinta pessoas que participariam de um encontro de oito horas. Ao iniciar o desenho daquele novo projeto, me deparei com algumas inquietações, oriundas dos vários momentos em que pude me aprofundar nas vivências docentes.

Proveniente do latim *formatio.onis*, que indicava o ato de dar forma, “formação” ainda carrega esse mesmo sentido em nossa língua (FORMAÇÃO, 2022, s. p.). Tal ação requer que seja utilizada determinada força sobre determinado objeto/situação a fim de que se promova uma modificação. Se, para formar, sou eu que tenho que “dar forma”, aplicar a força sobre algo ou alguém, a formação não deixa de ser um processo autônomo e se apresenta como um exercício depositário? Outro questionamento que podemos produzir se relaciona com o material da formação. Se, novamente, para formar, sou eu que tenho que “dar forma”, inferimos que não nos é dada a possibilidade de verificar com qual “material” estamos lidando e nosso papel é o de, simplesmente, modificá-lo. Perguntei-me se “formar” possibilitaria uma experiência real com base na afetação e na transformação.

Recordo que, no dia em que ocupava-me com todas essas reflexões, fitei um copo de água que estava em minha frente. Pensando na formação e na educação bancária combatida por Freire, lembro de arquitetar a seguinte alegoria, a qual transcrevo aqui como um “passo-a-passo”, a fim de que es leitories possam se permitir, também, aos devaneios:

- Imagine - ou coloque - um copo com água na sua frente.
- Esse copo está cheio, com água quase até a borda.
- Caso você continue a encher esse copo, o que irá acontecer, provavelmente?
- Acredito que você tenha respondido que a água do copo irá transbordar, correto?
- E para que isso não venha a ocorrer, o que eu devo fazer com a água do corpo antes de enchê-lo novamente?
- Possivelmente você tenha dito que beber a água ou jogá-la fora.

Nós somos esse copo quase cheio. Estamos completos com nossas histórias, nossas crenças, valores, com as experiências que acumulamos ao longo da vida, com a cultura que nos cerca e todos os preceitos sociais com os quais compactuamos. Não há certo ou errado. Há, somente, conteúdo.

Gêneros e sexualidades no ambiente escolar configura-se enquanto temática que, não raro, gera polêmicas e várias discussões, fruto de um “saber especializado” que se estruturou na retórica docente ao longo dos últimos anos em virtude do criacionismo batizado de ideologia de gênero (JUNQUEIRA, 2022). Grande parcela da população, seja do campo da educação ou não, argumenta de maneira bastante “apurada” sobre o assunto, cimentada nos pressupostos teóricos que ocupam os grupos de *WhatsApp*. Este é o cenário criado pelos movimentos neoconservadores que instalaram o pânico moral (JUNQUEIRA, 2022).

Detalhe que, por mais que eu esteja descrevendo tais constatações no presente, a ligação com o ano de 2016 é completamente cabível, no momento em que encontramos,

exatamente naquele período, o incendiário em torno do tema à nível nacional. O fogo foi, de lá pra cá, nunca foi apagado, no máximo, por vezes, esquecido, porém continua lá, ardendo e queimando tudo o que vê pela frente, inclusive vidas.

Seja na forma de fagulhas ou grandes labaredas, esse incêndio chegou até nós, mesmo que somente por intermédio dos noticiários. Assim, o tema acabou enchendo o copo de muitas pessoas que, por desconhecimento e, infelizmente, alienação, não conseguiram esvaziá-lo ou sequer tiveram consciência de que deveriam fazê-lo. Ninguém é mal “de nascença”. Lembremos da célebre frase de Nelson Mandela: “Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar” (SILVA, 2015, p. 8)

No “ringue” criado entre “ideólogos de gênero” e “defensores da família”, aqueles que lutam por uma educação libertária e crítica geralmente não tem vez, justamente em decorrência do copo que foi enchido - não encheu-se sozinho - com informações infundadas, não ancoradas na cientificidade, apelativas, mas que são muito mais facilmente absorvidas nos processos de subjetivação e sujeição. Nessa trincheira, não há como dizer que eles² estão errados conforme os fatos x, y ou z que são constatados por pesquisadorias como a, b, c ou d. Não surtirá efeito.

Era esse o cenário que eu, provavelmente, encontraria quando estivesse no meio daquelas trinta pessoas. Eu tinha que esvaziar aquele copo, em alguns casos até a última gota, talvez lavá-lo, enxugá-lo... Para mim era, naquele momento, a pergunta de milhões. Voltei-me à Freire e ao amor. Voltei-me às experiências que são o que me afeta e me transforma por meio do sentir, e seria usando dos sentidos que eu conseguiria iniciar esse processo.

3 CHEGANDO EM ALTO-MAR

Em posse de um planejamento organizado com base em metodologias, minha missão, e meu maior objetivo, fazer sentir, afetar e provocar experiências. Foi assim que cheguei ao meu primeiro grande dia. O momento era de grande tensão, pois aquela era a minha primeira vez e, já diria o dito popular, que da “primeira vez a gente nunca esquece”. Eu realmente queria que fosse inesquecível. Além disso, aquelas pessoas estavam ali por conta de algumas situações complexas ocorridas dentro de sala de aula por conta de debates a respeito dos gêneros e sexualidades. Possivelmente, eu era a representação viva da “ideologia de gênero”.

Eu poderia ter começado com a apresentação de uma historiografia dos gêneros e das sexualidades. Poderia ter apresentado conceitos, me ancorado em estudiosos da área.

² Marco, por meio desse pronome, os preceitos da branquitude patriarcalista classista cis/endo/hetero/corpo/normada.

Poderia ter ouvido suas demandas em torno do tema. Poderia ter feito muita coisa, mas não fiz. Acredito que meu primeiro grande ato foi convidar as pessoas a sentarem-se no chão, a fim de que pudéssemos ter uma conversa horizontalizada e bastante segura. Lembro que eu e mais uma professora nos sentíamos. O restante ficou nas cadeiras. Logo depois, fiz um convite para que lembrassem da infância, contassem histórias, aquelas mais marcantes, e foi aí que a tensão começou a diminuir. O grupo foi, à medida que os “causos” eram contados, se aproximando, se entrosando, até que estavam quase todos sentados no chão.

Ainda sobre a infância, realizei alguns questionamentos, principalmente ligados aos momentos de brincadeira entre pares: “você costumavam brincar de jogos de grupo, tipo queimada, onde times eram montados? Como era essa experiência?”. A isca foi mordida. No meio dos relatos, um professor trouxe um certo sentimento de insegurança que se abatia sobre ele quando ocorria a divisão das equipes. Era o medo de ser deixado de lado, de fora. Com base em sua fala, ampliei: “alguém mais sentia isso, sentia esse receio de ser deixado de fora?”. Muitas confirmações. “Era bastante incômodo notar que estávamos ficando para o final e que ninguém nos escolhia, não é mesmo?”. Com alguns acenos de cabeça dados, questionei: “e o que passava na cabeça de vocês naquele momento? Qual o sentimento?”. Eis que começam a falar.

Foi exatamente nessa hora que eu adentrei ao campo do sentir e que me era possibilitado afetar aquelas pessoas. Criei alguns ganchos com a opressão e com o sofrimento, categorias que devem ser sempre analisadas, pois é pelo sofrimento que melhor nos reconhecemos e aproximamos (SAWAIA, 2005), e busquei relacionar tais aspectos com as diversas situações de violência ocorridas na escola em virtude dos gêneros e sexualidades. Nada foi fácil como parece e as resistências vieram. Contudo, sempre que se apresentavam, meu papel era levar aquele grupo novamente ao nível dos sentidos. Para tanto, usei de inúmeros recursos e estratégias, tal como a leitura de notícias, apresentação de vídeos, todos muito impactantes dado o alto nível de violência que continham.

A violência dói. A LGBTIAP+ e *queer*fobia doem. O racismo dói. A misoginia, o sexismo, o capacitismo, o classicismo, enfim, todos os tipos de violência, independente da roupagem que utilizam, possuem em seu cerne questões muito próximas, sobretudo a da diferenciação que toma as diferenças como aspecto para menosprezar, diminuir, discriminar. Não pretendo universalizar as violências e sofrimentos, pois cada uma está diretamente relacionada a matrizes de poder estruturadas de maneiras bastante específicas. No entanto, há sim uma ligação que aproxima todas elas e percebê-las é, também, um exercício para a interseccionalidade.

Assim como, quando deparada com a tempestade, a navegação deve rever sua rota e, possivelmente, readequar seu rumo, várias vezes me percebi de frente a imensos maremotos, pois trabalhar com temas como aqueles que ali estavam sendo abordados é lidar, diretamente, com padrões inconscientes e totalmente subjetivos. O trabalho,

independente do formato escolhido, que busca pautar gêneros e sexualidades, principalmente quando territorializados no espaço educacional, jamais deve ater-se a qualquer tipo de sequenciamento lógico, padronizado, pois não há como enquadrar algo que é da fluidez. Este possivelmente seja um dos motivos que levam tantos processos relacionados ao assunto a fracassar. Incomodei. Desestruturei. Causei inquietações em vários sentidos e tenho certeza que no chacoalhar dos copos consegui derrubar, ao menos, algumas gotas de água para fora.

4 NAVEGANDO PARA O ALÉM MAR

Possivelmente você se pergunte onde é que cheguei, quais foram os resultados finais. Não cheguei. Não há. Disse eu, certa vez, que “a diversidade é sempre o amanhã” (PARANHOS, 2021, s. p.), e tal afirmação tem por objetivo marcar o caráter inconclusivo das diferenças. Quando nos lançamos a explorar esse mundo das pluralidades, não devemos, jamais, ter a pretensão de finalizar nada, pois essa é uma tarefa impossível.

Nessas poucas linhas, o que quis foi demonstrar o percurso que segui, as adversidades que encontrei e a rota, na qual, me baseei, mas não de maneira imutável. Há de se compreender a necessidade de uma necessária maleabilidade, a fim de que possamos nos aproximar, sempre, do campo do sentir, provocando afetos e experiências transformadoras que façam sentido na vida das pessoas que estão junto a nós nesses momentos de aprendizado e compartilhamento.

O prefixo “desin” não é pensado ao acaso, mas marca essa negação, separação ou cessação para com as atividades que buscam transformar as formações continuadas em verdadeiros depósitos que em nada reverberam nas práticas diárias de docentes. O “desin” é uma maneira de dizer que temos que esvaziar os copos, e que tal movimento ocorra de maneira consciente e por meio da percepção e do querer. Não encerro nada, não indico nada, só trago a reflexão e convido, quem sabe, a todes aquelus que quiserem, a lançarem-se nos devaneios filosóficos que possibilitem a construção de uma educação cada vez mais pautada na experiência e no amor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOR. In: **Dicionário Etimológico**: etimologia e origem das palavras. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/amor/>. Acesso em: 07 dez. 2022.

COLLINS, Patricia Hill. **Bem mais que ideias**: a interseccionalidade como teoria social crítica. Tradução: Bruna Barros, Jess Oliveira. São Paulo: Boitempo, 2022.

FONSECA, Angela Couto M.; GORSODORF, Leandro Franklin. Rotas. **Revista COR LGBTQIA+**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 198-204, 2021.

FORMAÇÃO. In: **DICIO**: Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em:

<https://www.dicio.com.br/formacao/>. Acesso em: 07 dez. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **A invenção da “ideologia de gênero”**: um projeto reacionário de poder. Brasília: LetrasLivres, 2022.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

PARANHOS, William Roslindo. Rodas de conversa “Fazendo Gênero” – um espaço necessário para a desconstrução. *In*: FREITAS, D. L. R. de; PAIVA, L. L. G.; FERNANDES, C. R. de F. (org.). **Amplamente**: gênero e diversidade. Natal: Amplamente, v. 1, p. 96-111, 2020.

PARANHOS, William Roslindo. [Sem título]. *In*: **Webinários Ecos Do Congresso** – Pesquisa Lgbti+, 20 jul. 2021, [S. l.]. [Trabalhos apresentados]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6c4L1F8ilxl&t=883s>. Acesso em: 20 set. 2021.

SAWAIA, Bader Burihan. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. *In*: B. B. Sawaia (Org.). **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 5.ed. Petrópolis: Vozes, p. 97-118, 2005.

SILVA, Aida M. M. Apresentação. *In*: SILVA, Aida M. M.; TIRIBA, Léa (orgs.). **Direito ao ambiente como direito à vida**: desafios para a educação em direitos humanos. São Paulo: Cortez, p. 8, 2015.

CINTRA, Amanda Mendes S.; MESQUITA, Luana Pinho de; MATUMOTO, Sílvia; FORTUNA, Cinira Magali. Cartografia nas pesquisas científicas: uma revisão integrativa. **Fractal: Revista de Psicologia**, [S.L.], v. 29, n. 1, p. 45-53, 29 abr. 2017.

SPINOZA, Baruch. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

Recebido em 11/12/2022

Aceito em 12/01/2023